



A automedicação de Ritalina® entre estudantes universitários: implicações éticas, psicológicas e acadêmicas

Hermínio Oliveira Medeiros¹, Gabriel Gonçalves Matos², João Lucas Sangi Bargline³



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p7189-7201>

Artigo recebido em 12 de Setembro e publicado em 12 de Novembro de 2025

ARTIGO DE REVISÃO

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar as implicações éticas, psicológicas e acadêmicas do uso não prescrito da Ritalina® (cloridrato de metilfenidato) entre estudantes universitários. Em um contexto social que valoriza a produtividade e a performance, a automedicação com psicoestimulantes se torna uma prática recorrente, especialmente entre jovens que buscam melhorar o rendimento acadêmico. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, investigou os fatores que motivam o uso da substância por indivíduos sem diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), bem como os riscos associados a essa prática. Os resultados apontam que, embora o medicamento possa oferecer benefícios momentâneos à concentração, seu uso indiscriminado pode gerar efeitos colaterais importantes, como ansiedade, insônia e dependência, além de levantar questões éticas sobre a equidade no ambiente acadêmico. Conclui-se que o uso da Ritalina® fora de sua indicação terapêutica representa uma forma de medicalização da vida e exige reflexão crítica sobre os limites da performance e da saúde mental no meio universitário.

Palavras-chave: Ritalina®; automedicação; desempenho acadêmico; ética; saúde mental.



Self-medication with Ritalin® among university students: ethical, psychological, and academic implications.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the ethical, psychological, and academic implications of the non-prescription use of Ritalin® (methylphenidate hydrochloride) among university students. In a social context that values productivity and performance, self-medication with psychostimulants has become a common practice, especially among young people seeking to improve their academic performance. The qualitative and bibliographical research investigated the factors that motivate the use of the substance by individuals without a diagnosis of Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), as well as the risks associated with this practice. The results indicate that, although the medication may offer momentary benefits in concentration, its indiscriminate use can generate significant side effects, such as anxiety, insomnia, and dependence, in addition to raising ethical questions about equity in the academic environment. It is concluded that the use of Ritalin outside its therapeutic indication represents a form of medicalization of life and demands critical reflection on the limits of performance and mental health in the university environment.

Keywords: Ritali[®]n; self-medication; academic performance; ethics; mental health.

Instituição afiliada – FACULDADE DO FUTURO

Autor correspondente: *Hermínio Oliveira Medeiros* prof.herminiomedeiros@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A sociedade atua impõe resoluções rápidas e práticas para os todos os problemas. Criou-se uma cultura de que todos os males que nos afetam podem e devem ser combatidos com o uso de psicofármacos ou psicotrópicos.

A automedicação é uma prática caracterizada pelo uso de medicamentos sem a devida orientação de um profissional de saúde, muitas vezes baseada em recomendações informais, experiências anteriores ou informações obtidas na internet. Essa conduta, embora comum na sociedade contemporânea, representa um risco significativo à saúde pública, pois pode mascarar sintomas de doenças, retardar diagnósticos, causar reações adversas e contribuir para a resistência a determinados fármacos (COSTA, 2022). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), embora a automedicação responsável possa ser benéfica em casos pontuais, seu uso indiscriminado e prolongado pode levar a consequências graves, principalmente quando envolve substâncias de controle especial. A automedicação é conceituada como a prática de ingerir substâncias de ação medicamentosa sem o aconselhamento e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado (OMS, 2005).

O Cloridrato de metilfenidato, comercialmente e popularmente chamado de Ritalina®, é um medicamento psicoestimulante utilizado para o tratamento de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Seu principal mecanismo de ação envolve a inibição dos transportadores responsáveis pela recaptação pré-sináptica de dopamina e noradrenalina. A fórmula do Metilfenidato é comercializada no Brasil inserida na lista A3 com a classificação de substâncias psicotrópicas (BRASIL, 2004).

A substância metilfenidato foi registrada como patente em 1954, sendo comercializada sob o nome de Ritalina®. Durante as décadas de 1950 e 1960, nos Estados Unidos, começou a ser vendida principalmente para tratar distúrbios psiquiátricos em pessoas de meia-idade e idosos. Já em 1960, o psiquiatra norte-americano Leon Eisenberg publicou um estudo demonstrando a eficácia do composto em crianças com comportamento agitado, voltado ao tratamento de dificuldades de aprendizagem. A partir disso, médicos passaram a utilizá-lo em terapias voltadas a crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (ELIA, 2005).



O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma condição neurobiológica caracterizada por padrões persistentes de desatenção, hiperatividade e/ou impulsividade que interferem significativamente no funcionamento ou no desenvolvimento do indivíduo. Os critérios diagnósticos para o TDAH incluem uma combinação de sintomas específicos. Estes sintomas podem impactar negativamente várias áreas da vida do indivíduo, incluindo desempenho acadêmico, relacionamentos interpessoais e sucesso profissional (SANTOS, 2005).

O ambiente acadêmico, especialmente nas universidades, valoriza cada vez mais o desenvolvimento do conhecimento, exigindo dos estudantes um elevado nível de dedicação e esforço. Diante dessa realidade, muitos universitários sem diagnósticos clínicos acabam recorrendo a substâncias psicoestimulantes com o objetivo de prolongar o tempo de estudo, intensificar a concentração e os níveis de energia, além de diminuir a necessidade de descanso, buscando, assim, melhorar seu desempenho acadêmico (COSTA, 2022).

Em virtude de seu potencial em favorecer o desempenho cognitivo e aprimorar a capacidade de aprendizagem — razão pela qual a Ritalina® ficou popularmente denominado 'pílula da inteligência' — o metilfenidato tem despertado o interesse de estudantes na faixa etária de 18 a 25 anos, que o utilizam com o intuito de alcançar melhor rendimento acadêmico e maior eficiência intelectual. O uso não prescrito dessa substância entre indivíduos saudáveis no ambiente universitário tem apresentado crescimento significativo, impulsionado por práticas como desvio de prescrições médicas, diagnósticos forjados e, principalmente, aquisição por meio de plataformas digitais (BACELAR, 2018).

O uso inadequado do metilfenidato pode causar efeitos colaterais como insônia, perda de apetite, irritabilidade e perda de peso. Além disso, pode ocorrer um efeito rebote, que reduz a capacidade de compreensão, perda de libido, taquicardia, dores no peito, distúrbios no sistema linfático, anemia e náusea (BACELAR, 2018).

Os medicamentos produzem curas, facilitam o convívio dos indivíduos com suas enfermidades, prolongam a vida e retardam o surgimento de complicações referentes às doenças. Porém, o uso inadequado dos medicamentos pode aumentar os custos de atenção à saúde ou levar à ocorrência de efeitos colaterais. Efeito colateral é definido como qualquer tipo de efeito não intencional provocado por um produto farmacêutico, ou seja, é um tipo de reação adversa a um medicamento, previsível, que causa uma resposta prejudicial no organismo (OMS, 2005).



Em virtude disso vale ser questionado: Quais são as implicações éticas, psicológicas e acadêmicas da automedicação com Ritalina® entre estudantes e universitários no contexto do desempenho escolar e da competitividade acadêmica? Qual a relação entre o desempenho acadêmico e o uso de cloridrato de metilfenidato? De que forma o uso não supervisionado da Ritalina® impacta a saúde mental e o rendimento acadêmico desses estudantes a curto e longo prazo?

Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo geral analisar as implicações éticas, psicológicas e acadêmicas da automedicação com Ritalina® entre estudantes e universitários, investigando os fatores que motivam essa prática e seus efeitos sobre o desempenho e a saúde mental.

Como objetivos específicos buscou avaliar os impactos do uso não supervisionado da Ritalina® no rendimento escolar e na saúde psicológica dos estudantes, a curto e longo prazo e, identificar os principais motivos que levam estudantes e universitários a fazer uso da Ritalina® sem prescrição médica, considerando o contexto acadêmico e social



METODOLOGIA

Caracterização da pesquisa

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, com o objetivo de analisar os impactos do uso do cloridrato de metilfenidato (Ritalina®) sem prescrição médica entre estudantes universitários, bem como os fatores psicológicos e acadêmicos que influenciam essa prática.

Trata-se de pesquisa qualitativa descritiva, pois busca compreender, a partir de pesquisas acadêmicas, os aspectos subjetivos e sociais relacionados ao uso da Ritalina®.

Trata-se também de uma pesquisa bibliográfica, considerando que se baseia na análise de materiais já publicados, como artigos científicos, livros, teses e dissertações, que abordam o tema.

Instrumentos de Coleta de dados

Foram utilizados artigos científicos disponíveis em bases de dados acadêmicos como SciELO, Google acadêmico, PubMed, entre outros, além de livros e documentos oficiais que tratem sobre o uso de metilfenidato, automedicação e desempenho acadêmico.

Os critérios de seleção para os materiais incluem: publicações preferencialmente dos últimos quinze anos, que abordem de forma direta ou indireta o uso do metilfenidato por estudantes, os efeitos do medicamento, questões relacionadas à saúde mental, automedicação e desempenho acadêmico.

Como corte temporal definiu-se pelo uso de trabalhos com até dez anos de sua publicação exceto para a inclusão de relevantes referências clássicas.

Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada por meio de análise de conteúdo, identificando e categorizando temas recorrentes nos materiais selecionados, com foco na compreensão dos fatores que levam ao uso da Ritalina® sem prescrição e os impactos gerados por essa prática.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contextualização

A automedicação é definida como a prática do uso de medicamentos sem a prescrição ou orientação de um profissional da saúde, muitas vezes motivada por experiências prévias, sugestões de terceiros ou informações obtidas na internet (OMS, 2005). Essa prática, embora culturalmente difundida, representa um risco à saúde individual e coletiva, podendo ocasionar reações adversas, mascarar sintomas importantes, gerar dependência química e retardar diagnósticos clínicos adequados.

No contexto universitário, a automedicação se intensifica devido à alta pressão por desempenho, à carga excessiva de estudos e à busca por soluções rápidas para manter a produtividade. Esse ambiente favorece a ideia de que substâncias farmacológicas podem ser utilizadas para alcançar níveis de concentração e rendimento considerados ideais, mesmo que isso envolva riscos à saúde (OLIVEIRA, 2017).

O metilfenidato, comercializado no Brasil sob o nome de Ritalina®, é um psicoestimulante pertencente à classe das substâncias controladas, listado na categoria A3 pela ANVISA. Seu mecanismo de ação baseia-se na inibição da recaptação de dopamina e noradrenalina, neurotransmissores ligados à atenção, motivação e aprendizado (ANVISA, 2011).

Inicialmente indicado para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o uso do metilfenidato se expandiu, especialmente entre estudantes universitários que não apresentam diagnóstico formal da condição, mas o utilizam com fins de melhora cognitiva e aumento da produtividade acadêmica. Essa prática configura o uso off-label da substância, sem acompanhamento médico, e potencialmente perigoso (BACELAR, 2018).

O fenômeno da automedicação com Ritalina® deve ser analisado dentro de um contexto mais amplo: a crescente medicalização da vida e a cultura da performance. Segundo Illich (1975), vivemos em uma sociedade onde a medicina se tornou uma força normalizadora, moldando comportamentos e expectativas. O uso de substâncias como o metilfenidato, mesmo entre pessoas saudáveis, ilustra essa tendência de buscar soluções químicas para lidar com as exigências da vida moderna (OLIVEIRA, 2017).



A “pílula da inteligência”, como ficou popularmente conhecida, promete concentração, foco e resistência mental – características valorizadas no meio acadêmico. No entanto, o uso sem necessidade clínica levanta questionamentos éticos e psicológicos importantes, sobretudo por mascarar limites naturais do corpo e da mente (MAYO, 2016).

O uso não supervisionado da Ritalina® por universitários sem diagnóstico de TDAH levanta questões éticas relevantes, como a equidade no desempenho acadêmico e o uso de substâncias para obter vantagens competitivas. Além disso, o uso frequente pode induzir à dependência psicológica, uma vez que o estudante passa a acreditar que não consegue alcançar bons resultados sem o uso do medicamento (BACELAR, 2018).

Do ponto de vista psicológico, os efeitos adversos incluem insônia, ansiedade, irritabilidade e, em casos mais graves, sintomas depressivos ou psicóticos. A longo prazo, o uso crônico da substância pode afetar o equilíbrio neuroquímico do cérebro, comprometendo a saúde mental dos usuários (OLIVEIRA, 2017).

Apesar de prometer ganhos no foco e na atenção, estudos apontam que o uso não terapêutico do metilfenidato por indivíduos saudáveis não garante, de fato, um melhor desempenho acadêmico (MAYO, 2016). Muitos usuários relatam aumento de ansiedade e redução da criatividade, além de efeitos colaterais que prejudicam o rendimento ao longo do tempo.

A relação entre desempenho acadêmico e uso de Ritalina® precisa ser vista com cautela. O medicamento pode, eventualmente, aumentar o tempo de concentração, mas não substitui hábitos saudáveis de estudo, descanso e organização. Além disso, o uso abusivo pode levar à exaustão mental, crises de abstinência e problemas cognitivos, afetando negativamente o rendimento acadêmico (BACELAR, 2018).

Pressão por desempenho acadêmico

A análise da literatura sobre o uso não prescrito da Ritalina® (cloridrato de metilfenidato) por estudantes universitários revelou padrões preocupantes que refletem transformações sociais, culturais e educacionais no contexto contemporâneo.

Diversos estudos apontam que a automedicação com Ritalina® está fortemente associada à crescente pressão por desempenho acadêmico e à valorização da produtividade. Jovens adultos, principalmente universitários entre dezoito e vinte e cinco anos, buscam no medicamento um meio para aumentar o foco, adiar o sono, melhorar a memória e otimizar o rendimento nas avaliações acadêmicas (OLIVEIRA, 2017; Bacelar, 2018). No entanto, os



benefícios relatados são, em muitos casos, temporários e subjetivos, contrastando com os efeitos adversos amplamente documentados na literatura.

Efeitos colaterais e riscos à saúde

Entre os principais efeitos colaterais observados estão: insônia, taquicardia, irritabilidade, perda de apetite, ansiedade e, em casos mais graves, quadros de dependência psicológica e depressão (BACELAR, 2018; WHO, 2005). Esses efeitos tendem a se intensificar quando o uso é contínuo, desregulado e sem acompanhamento médico.

A discussão ética também se mostrou recorrente nos estudos analisados. O uso da Ritalina® sem indicação médica, com o intuito de obter vantagens cognitivas e competitivas, levanta questionamentos sobre a equidade no ambiente acadêmico. Estudantes que fazem uso da substância podem competir em condições desiguais com aqueles que optam por não utilizá-la, gerando um cenário de "dopagem intelectual" similar ao que ocorre no esporte de alto rendimento (MAYO, 2016).

Outro ponto importante refere-se à medicalização da vida e à tendência de tratar, com substâncias farmacológicas, aspectos que fazem parte da experiência humana normal — como cansaço, ansiedade pré-prova ou dificuldade de concentração — sem considerar as causas estruturais desses sintomas. Como aponta Illich (1975), a sociedade atual naturaliza o uso de medicamentos como solução para problemas que, muitas vezes, exigiram abordagens pedagógicas, sociais ou psicológicas.

Além disso, os resultados indicam que muitos estudantes não têm pleno conhecimento dos riscos associados ao uso do metilfenidato. A desinformação, somada à facilidade de acesso — seja por meio da internet, de conhecidos com prescrição médica ou até de falsificações — contribui para a banalização do uso da Ritalina® como ferramenta de performance.

Em termos de impacto acadêmico, embora alguns usuários relatem maior capacidade de concentração em curto prazo, não há evidências robustas de que o uso do metilfenidato por indivíduos sem TDAH esteja associado a um real aumento de desempenho acadêmico duradouro. Pelo contrário, a literatura mostra que, ao longo do tempo, os efeitos negativos à saúde mental tendem a comprometer o rendimento e a qualidade de vida desses estudantes (MAYO, 2016).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos estudos revisados, conclui-se que o uso não prescrito da Ritalina® por estudantes universitários é um fenômeno crescente, influenciado por um contexto acadêmico altamente competitivo e por uma cultura que valoriza a produtividade acima da saúde e do bem-estar.

Embora o metilfenidato possa gerar efeitos pontuais de aumento da concentração, sua utilização por indivíduos sem diagnóstico de TDAH envolve riscos significativos, tanto no aspecto físico quanto no psicológico. Os efeitos colaterais, o potencial de dependência e os prejuízos à saúde mental tornam o uso da substância uma prática arriscada, que exige atenção de educadores, profissionais da saúde e da sociedade em geral.

Do ponto de vista ético, a automedicação com Ritalina® configura uma forma de desigualdade acadêmica e escancara a fragilidade dos atuais modelos de avaliação e desempenho nas universidades, que frequentemente negligenciam a saúde mental dos estudantes em nome da performance.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Agência Nacional De Vigilância Sanitária. Resolução-RDC nº 3, de 8 de janeiro de 2004. Diário Oficial da União, Brasília, DF, nº 6, 9 jan. 2004.

OLIVEIRA, Maristela Maximovitz de; CORAGE, Leila do Nascimento; OLIVEIRA, Bruna de Paula; SILVA, Leila Gracieli da. Automedicação de psicotrópicos em acadêmicos da área da saúde: uma revisão da literatura brasileira entre 2000 a 2017. *Saúde e Pesquisa*, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 623–630, 2018. DOI: 10.17765/1983-1870.2018v11n3p623-630. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/6762>. Acesso em: 31 out.

SILVA, Larissa Bezerra da; SANTOS, Charlane Bezerra da S. dos; MESQUITA, Ana Oclenidia Dantas; JESUS, Robson de; BARBOSA, Anderson dos Santos. AUTOMEDICAÇÃO E O USO INDISCRIMINADO DE PSICOTRÓPICOS ENTRE JOVENS. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 12–19, 2024. DOI: 10.51161/integrar/remis/4203. Disponível em: <https://editoraintegrar.com.br/publish/index.php/remis/article/view/4203>. Acesso em: 31 out. 2025.

BACELAR, D. C. O uso indevido do metilfenidato entre universitários: implicações éticas e riscos à saúde mental. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 40, n. 3, p. 220-228, 2018.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Relação de Substâncias Psicotrópicas Sujeitas a Controle Especial. Brasília: ANVISA, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa>. Acesso em: 15 jun. 2025.

COSTA JR., V. S.; OLIVEIRA, A. L. R.; AMORIM, A. T. Media-influenced self-medication in Brazil. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 8, e11011830678, 2022.

ELIA, Josephine. Attention Deficit/Hyperactivity Disorder: Pharmacotherapy. *Psychiatry (Edmont)*, v. 2, n. 1, p. 27-35, Jan. 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3004727/>. Acesso em: 30 out. 2025.



ROCHA, D. B. M et al. Metilfenidato: uso prescrito versus uso indiscriminado por acadêmicos de medicina. Revista Médica de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 34, n. 2, p. 1–8, 2024. Disponível em: . Acesso em: 29 out. 2025.

MANARIN, J. B. C.; David, R. Uso de metilfenidato por crianças e adolescentes com TDAH: efeitos terapêuticos e adversos. Revista Eletrônica Acervo Médico, v. 25, p. e19644, 11 abr. 2025.

MAYO, L.; FLYNN, H. Effects of methylphenidate on academic performance in non-ADHD college students: A review of recent literature. Journal of College Health, v. 64, n. 4, p. 334-341, 2016.

OLIVEIRA, M. M. et al. Uso de psicofármacos sem prescrição médica entre universitários brasileiros: prevalência e fatores associados. Cadernos de Saúde Pública, v. 33, n. 12, p. e00184715, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Guia para o uso apropriado de medicamentos na automedicação. Genebra: OMS, 2005.

SANTOS, Letícia de Faria; VASCONCELOS, Laércia Abreu. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade em crianças: uma revisão interdisciplinar. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 21, n. 3, p. 293-302, set./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17497/16780>. Acesso em: 30 out. 2025.